

CHINOISERIE. O ELOGIO DA INFLUÊNCIA. CHINOISERIE. O ELOGIO DA INFLUÊNCIA.

SOBRE A ARTE, O PROCESSO CRIATIVO, O SEU LÉXICO E GRAMÁTICA. MAS ENCONTRAMOS TAMBÉM NESTAS OBRAS UMA REFERÊNCIA METAFÓRICA ABERTA: A OBRA TEM UM *OUTRO* E NÃO SE FECHA EM SI.

CHINOISERIE.

A *CHINOISERIE* É UM ESTILO DAS ARTES DECORATIVAS EUROPEIAS. SURTIU NO SÉCULO XVII E FLORESCEU NO XVIII, INFLUENCIADO PELAS VIAGENS, AS DESCOBERTAS, O COMÉRCIO E A IMAGEM PROJECTADA, MAIS OU MENOS EXÓTICA, DO “ORIENTE”. ISTO SIGNIFICA QUE NÃO É UMA ARTE CHINESA, NEM FEITA PARA OS SEUS. DIZ MAIS DA CULTURA EUROPEIA E DO SEU TEMPO HISTÓRICO, DO QUE DAS CULTURAS ASIÁTICAS. ESTAS OBRAS DE ANA PÉREZ-QUIROGA PERMITIRÃO, SEM DÚVIDA, UMA ANÁLISE CULTURAL DA CULTURA CHINESA, MAS PROVOCAM EM NÓS BEM MAIS DO QUE AQUILO QUE UM ESTUDO SÓCIO-ANTROPOLÓGICO POSSIBILITARIA. FAZEM-NOS SAIR, COMO A PRÓPRIA ARTISTA SAIU, DO CÍRCULO FECHADO DO PENSAMENTO PESSOAL. ABREM ESTE CIRCUITO VICIOSO À NOVIDADE, AO EXTERIOR, À INFLUÊNCIA CRIATIVA. NA PRAÇA DO POVO, EM XANGAI, DE FRENTE PARA O MUSEU DE ARTE ANTIGA CHINESA, DE COSTAS PARA O EDIFÍCIO DO GOVERNO MUNICIPAL, ENTRE INSTITUIÇÕES COM PODER, A ARTISTA FOTOGRAFA A SUA IRÓNICA ASCENSÃO⁴. O PLINTO É CONSTRUÍDO POR TIJOLOS RECOLHIDOS DA DEMOLIÇÃO DE UMA CASA ANTIGA, PARA NESSE LUGAR SE ERGUER UM NOVO EDIFÍCIO, À IMAGEM DA NOVA CHINA MODERNA. ESSA BASE É UM FUNDAMENTO INSTÁVEL, ELA SABE-O. É ESSA INSEGURANÇA E PRECARIEDADE O SEU LUGAR. A OBRA DE ANA PÉREZ-QUIROGA É FEITA DESSES (DES)EQUILÍBRIOS, DE RECOLHA, DE APROPRIAÇÃO, DE ATENÇÃO AO INVISÍVEL DE TÃO PRÓXIMO, AO VULGAR, CRIANDO UM REPORTÓRIO CULTURAL INCORRECTO, UM MUSEU ETNOGRÁFICO DESACERTADO, QUE DIZ MAIS SOBRE A ARTISTA, SOBRE SER ARTISTA, SOBRE A OBRA DE ARTE E SOBRE NÓS, DO QUE SOBRE A CULTURA “ROUBADA”. E NÃO É ESSE *DESVIO* A ORIGEM PERENE DA OBRA DE ARTE?

PAULO PIRES DO VALE
LISBOA, 2009

4_ *PEOPLE'S SQUARE*

“OS POETAS FORTES FAZEM A HISTÓRIA LENDO-SE MAL UNS AOS OUTROS, DE MODO A DESOBRUIR UM ESPAÇO DE IMAGINAÇÃO PARA SI PRÓPRIOS.”

HAROLD BLOOM

CRIAR.

SOMOS SERES *EX-CÊNTRICOS*. É A NOSSA COMUM CONDIÇÃO *PATHOLÓGICA*: SER EM ESTADO DE ABERTURA. ESTA DEISCÊNCIA RADICAL É O FUNDAMENTO DA AFECTIVIDADE HUMANA: PERMITE A NOSSA RELAÇÃO COM OS OUTROS E COM O MUNDO. MESMO PROCURANDO INCESSANTEMENTE A AUTONOMIA E A LIBERDADE OU LUTANDO CONTRA TODA A DEPENDÊNCIA, EXISTIR É SER AFECTADO, CONSCIENTE OU INCONSCIENTEMENTE. É ESSA FACULDADE DE SOFRER A INFLUÊNCIA DAQUILO QUE ESTÁ FORA DO CENTRO QUE SOMOS TRADUZ-SE EM VULNERABILIDADE.

AQUI ENRAIZADOS COMPREENDEMOS QUE NÃO HÁ CRIAÇÃO SEM INFLUÊNCIA. APROPRIAR-SE DA TRADIÇÃO, CITAR, ALUDIR, COPIAR, COLAR, COMBATER, CORRIGIR, COMPLETAR, REVER, RESPONDER A OUTRA OBRA, ROUBAR AS IMAGENS DO MUNDO OU IDEIAS DE OUTROS, SÃO CONDIÇÕES ESSENCIAIS AO ACTO CRIATIVO. E NESTE PROCESSO A ANGÚSTIA CRIADORA VEM NÃO SÓ DA EXPECTATIVA DO FUTURO, MAS AINDA MAIS DO PASSADO. SURGE NA RELAÇÃO ENTRE O ARTISTA E O QUE JÁ EXISTE, ENTRE O CRIADOR E AS OBRAS DAQUELES QUE O ANTECEDERAM. HAROLD BLOOM CHAMOU A ISTO A “ANGÚSTIA DA INFLUÊNCIA”¹, OU SEJA, A ANSIEDADE CAUSADA PELA DÍVIDA POR PAGAR. ESTE PESO DE *SER-INFLUENCIADO* DIFERE DE AUTOR PARA AUTOR E PODEM SER IDENTIFICADOS DIFERENTES GRAUS OU MODOS DE REALIZAÇÃO, MAS É INEGÁVEL A SUA PERMANÊNCIA AO LONGO DE TODA A HISTÓRIA DA ARTE.

SER CRIADOR – E NÃO APENAS UM REPETIDOR – É UM MODO DE SER DISTINTO DO LEITOR, DO ESPECTADOR OU CONTEMPLADOR. O ARTISTA PADECE DA EXPECTATIVA ANGUSTIANTE DE PODER SER INUNDADO, DE SOÇOBRAR OU PARALISAR PERANTE A INFLUÊNCIA PODEROSA DAS GRANDES OBRAS. ELE NÃO PODE DEIXAR-SE SUBMERGIR POR ELAS: É CRIANDO QUE PROCURARÁ ULTRAPASSAR E NEGAR A ANGÚSTIA. NA ACÇÃO CRIATIVA A INFLUÊNCIA TRANSFORMA-SE EM FORMA DE *VITALIZAÇÃO*. VIDA QUE SE MANIFESTA NA *LUTA*: CONTRA SI OU CONTRA OUTROS, CONTRA O TEMPO OU ESPAÇO, CONTRA A MATÉRIA OU O PENSAMENTO, CONTRA AS LEIS NATURAIS OU CULTURAIS. É UMA BATALHA CONTRA O QUE O INFLUENCIA NO PROCESSO DE CRIAÇÃO – POIS AQUILO CONTRA O QUAL LUTAMOS DEFINE-NOS. NESTA LUTA OS OBJECTOS OU IDEIAS APROPRIADOS SÃO, A UM TEMPO, ASSUMIDOS E DESTRUÍDOS. RETOMADOS NUM OUTRO DISCURSO E *DESVIADOS* DA ANTERIOR EXISTÊNCIA, NUM ACRÉSCIMO INESPERADO DE SENTIDO.

1_ HAROLD BLOOM, *THE ANXIETY OF INFLUENCE*. OXFORD: OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1973. EM GRANDE PARTE É DESTA OBRA QUE “ROUBO” AS LINHAS SEGUINTE, CONFRONTANDO-A COM O ENSAIO-COLAGEM DE JONATHAN LETHEM, “*THE ECSTASY OF INFLUENCE: A PLACIARISM*” IN *HARPERS MAGAZINE*, FEB 2007.

CHINOISERIE. O ELOGIO DA INFLUÊNCIA. CHINOISERIE. O ELOGIO DA INFLUÊNCIA.

CLEPTOPRAXIA.

A INFLUÊNCIA NÃO SE RECEBE APENAS NA RELAÇÃO COM AS OBRAS CRIADAS PELOS ANTECESSORES NO OFÍCIO, MAS ESTENDE-SE A OUTROS “OBJECTOS” QUE RODEIAM O ARTISTA NO MUNDO – O SEU PRÓPRIO HORIZONTE DE POSSIBILIDADES. NESTE SENTIDO, E NUM MOVIMENTO INSTAURADO PELAS VANGUARDAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX, DEVEMOS HOJE ANALISAR O PROBLEMA DA ANGÚSTIA-DA-INFLUÊNCIA-CRIATIVA NA RELAÇÃO DO ARTISTA COM O “N’IMPORTE QUOI”². TUDO PODE SER ROUBADO AO QUOTIDIANO E INTRODUZIDO NESTE OUTRO PALCO. AS OBRAS DE ANA PÉREZ-QUIROGA SÃO, NESTA LINHAGEM, UM ELOGIO DA APROPRIAÇÃO – E PARA ESTA EXPOSIÇÃO APODEROU-SE DE TÉCNICAS, OBJECTOS, SITUAÇÕES OU IDEIAS QUE ENCONTROU DURANTE UMA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA NA CHINA, NO ANO DE 2008.

OS OBJECTOS, COMO PENSAVAM OS SURREALISTAS E DADAÍSTAS, TRANSPORTAM UMA INTENSIDADE E PODER DE ESTRANHEZA QUE O USO HABITUAL ADORMECEU. É POSSÍVEL REANIMAR ESTA INTENSIDADE AO COLOCÁ-LOS EM CONTEXTOS INADEQUADOS E INESPERADOS. É O ENQUADRAMENTO, O EMOLDURAMENTO, A SOBREPOSIÇÃO, A LEGENDA, A PALAVRA, QUE PERMITE LIBERTAR A “COISIDADE” DOS OBJECTOS, SEPARADOS DA SUA FUNCIONALIDADE E FAMILIARIDADE. E NAS “COISAS” QUE ANA PÉREZ-QUIROGA APRESENTA, LIBERTA TAMBÉM POSSIBILIDADES METAFÓRICAS E COMENTÁRIOS SUBTIS SOBRE A ACTIVIDADE ARTÍSTICA. E SE ESTAS OBRAS INDICIAM A ANGÚSTIA TRANSFORMADORA DO PROCESSO CRIATIVO, ACEITAM TAMBÉM A INFLUÊNCIA COMO UM PADECER EUFÓRICO.

DESVIO.

UM TEXTO É SEMPRE ESCRITO (E LIDO) COM REFERÊNCIAS, CITAÇÕES MAIS OU MENOS ENVERGONHADAS, APROPRIAÇÕES, LUGARES COMUNS OU IDEIAS EM *SEGUNDA-MÃO* – E NÃO SÃO TODAS AS IDEIAS ASSIM? NADA DE NOVO DEBAIXO DO SOL! DO MESMO MODO, AS OBRAS DE ARTE REMETEM PARA OUTRAS, APROVEITAM IDEIAS ALHEIAS, INSCREVEM-SE EM MOVIMENTOS OU ASSUMEM FILIAÇÕES, APROPRIAM-SE DE OUTRAS DISCIPLINAS E DOS PROGRESSOS TÉCNICOS. ANA PÉREZ-QUIROGA PARECE ALEGRA-SE COM ISSO: PALMILHAS ENCONTRADAS NUM MERCADO CHINÊS; MODELOS EM MADEIRA DE BICICLETA PARA MONTAR; SACOS DE VIAGEM OU PARA COMPRAS DE PLÁSTICO; ANÚNCIOS FEITOS A *STENCIL* QUE ENCONTROU PELAS PAREDES DE XANGAI; TIJOLOS DE UMA DEMOLIÇÃO. APROPRIA-SE. MAS ESSA APROPRIAÇÃO IMPLICA SEMPRE UMA RELEITURA – NO LIMITE, UMA INTERPRETAÇÃO ERRADA. COMO SE NÃO TIVESSE PERCEBIDO O ORIGINAL. *COMO SE*. VIU-O DE OUTRA FORMA, INTERPRETOU-O “ERRONEAMENTE”. É NESTA FALHA, NESSE DESVIO DELIBERADO, QUE ACONTECE A CRIAÇÃO, A TRANSFIGURAÇÃO.

2_ APROPRIO-ME AQUI DE UMA EXPRESSÃO QUE DEFINE (POR ACUSAÇÃO AOS ARTISTAS OU PROPOSTA SUA) O OBJECTO DA ARTE, E POSTERIORMENTE A PRÓPRIA OBRA, DESDE O FINAL DO SÉCULO XIX – COM AS ACUSAÇÕES FEITAS A COURBET E MANET, PASSANDO PELA PROPOSTA ARTÍSTICA DE DUCHAMP E AS PROFANAÇÕES DADAÍSTAS OU DA POP ART: “FAIRE N’IMPORTE QUOI” É A SITUAÇÃO ESTUDADA POR THIERRY DE DUVE, *AU NOM DE L’ART*. PARIS: EDITIONS DE MINUIT, 1989, P.107SS.

NA OBRA *APRÉS*³, AS PALMILHAS TORNAM-SE INCOMPETENTES, MAS ACOMPANHADAS DE TEXTOS DE VIAJANTES E DE ESCRITORES ILUSTRES NAS LÍNGUAS ORIGINAIS, TRANSFORMAM-SE EM METÁFORA DA SUA DEAMBULAÇÃO, DA PRÓPRIA EXISTÊNCIA HUMANA COMO VIAGEM E DO ENCONTRO COM A ALTERIDADE QUE DESCONHECEMOS E NÃO COMPREENDEMOS. A OBRA *MADE IN SHANGAI*, UM ANÚNCIO EM *STENCIL* QUE PUBLICITA EM MANDARIM A SUA PROFISSÃO DE ARTISTA E O SEU CONTACTO, COLOCA-A AO LADO DE PROFISSIONAIS COMO OS CANALIZADORES OU ELECTRICISTAS, QUE PINTAM AS PAREDES DA CIDADE COM OS SEUS NÚMEROS DE TELEFONE, E DE QUEM NOS SOCORREMOS EM DETERMINADAS OCASIÕES. NO ENTANTO, AQUILO QUE ELA PRODUZ É ABSOLUTAMENTE INÚTIL. POR OUTRO LADO, ESSA PUBLICIDADE REVELA A ESTRANHEZA DA LÍNGUA E A DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO E DA TRADUÇÃO – PORQUE UMA LÍNGUA É SEMPRE UM CÓDIGO CULTURAL IDENTITÁRIO. NA ESCULTURA *APQ TRUNKS & BAGS AFRICA AMERICA ASIA EUROPA OCEANIA*, O TÍPICO SACO CHINÊS, AGORA DESPROPORCIONADO E DESADEQUADO A QUALQUER FUNÇÃO, PODE SER METAFORICAMENTE INTERPRETADO: NO PROPÓSITO COMUM ÀS PALMILHAS, A VIAGEM QUE PERMITIRIA; OU ABRINDO-NOS UMA VIA DE REFLEXÃO SOBRE A SOCIEDADE DE CONSUMO; NUM OUTRO NÍVEL, O DO AMBIENTE POLÍTICO CHINÊS, ESTA ESCULTURA PERMITE PENSAR NO SISTEMA DE MERCADO CAPITALISTA EM CONFRONTO APARENTEMENTE HARMONIOSO COM O SISTEMA COMUNISTA VICENTE; OU, NUMA OUTRA DIMENSÃO, NA TRANSFORMAÇÃO PERVERSA DESSE OBJECTO BARATO E ACESSÍVEL EM OBRA DE ARTE, QUE COMPORTA JÁ AS INSCRIÇÕES QUE A ARTISTA LHE FAZ, A REFERÊNCIA ÀS MALAS QUE MARC JACOBS MIMETIZOU, A PARTIR DESTES SACOS, PARA A LUXUOSA MARCA LOUIS VUITON – DEFENDIDAS POR *COPYRIGHT*. LEVANTA-SE, ENTÃO, O PROBLEMA DO VALOR ATRIBUÍDO AOS OBJECTOS E O DA PROPRIEDADE – INTELLECTUAL OU INDUSTRIAL – NÃO DEIXANDO DE INTERROGAR O PAPEL DO MERCADO DO LUXO E DA ARTE. ANA PÉREZ-QUIROGA É, ASSIM, INFLUENCIADA DUPLAMENTE, TRIPLAMENTE, MULTIPLAMENTE, EUFORICAMENTE. É INFLUENCIA-NOS. COMO EM *FOREVER AI WEIWEI*, EM QUE REMETE PARA AS BICICLETAS QUE MILHÕES DE CHINESES USAM (E *FOREVER* É A MARCA MAIS FAMOSA), MAS TAMBÉM PARA AS QUE O ARTISTA CHINÊS AI WEI WEI TRANSFORMOU EM OBRA. A DISTINÇÃO CLÁSSICA ENTRE ALTA E BAIXA CULTURA, CULTURA ERUDITA E POPULAR, NÃO FAZ AQUI SENTIDO, PORQUE TUDO PODE SER RECUPERADO: *N’IMPORTE QUOI*, DESDE QUE CUMPRE OS DESÍGNIOS DA ARTISTA. AFINAL, AQUILO QUE INFLUÊNCIA É MEDIADO, TRABALHADO, RECRIADO.

AS PEÇAS PRESENTES NESTA EXPOSIÇÃO QUESTIONAM-NOS SOBRE A NOÇÃO DE POSSE, DE PERTENÇA, DE PROPRIEDADE; APRESENTAM O PROBLEMA DO COPYRIGHT E DO USO JUSTO; COMENTAM E CELEBRAM UMA CULTURA INDUSTRIAL DANDO UM “USO TRANSFORMATIVO” A MEIOS E OBJECTOS EXISTENTES, *READY-MADES*, *OBJECTS TROUVÉS*. A ARTISTA NÃO DUPLICA OS ORIGINAIS NEM OS DEIXA NA MESMA, USA-OS DE MANEIRA NOVA, COM OUTRO OBJECTIVO, *COMO SE* A SUA FINALIDADE TIVESSE SIDO INCOMPREENDIDA. SÃO, ASSIM, UMA REFLEXÃO

3_ *APRÉS* [PUBLIUS VERGILIUS MARO (70-19 A.C.), DANTE ALIGHIERI (1265-1321), 西遊記 (WU CHENG’EN) (CA.1500-1582), SANTA TERESA DE JESÚS (1515 -1582), LUÍS VAZ DE CAMÕES (CA. 1524-1580), MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA (1547-1616), ATHANASIUS KIRCHER (1601/2-1680), FRANÇOIS-MARIE AROUET VOLTAIRE (1694-1778), JEAN-JACQUES ROUSSEAU (1712-1778), JOHANN WOLFGANG VON GOETHE (1749-1832)]